Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Subsecretaria de Educação Inclusiva e Integral
Diretoria de Serviços de Apoio à Aprendizagem,
Direitos Humanos e Diversidade

Caderno Pedagógico

Abril Indígena

SEEDF/SUBIN/DSADHD
2024

Obra “As indígenas preparando Pajuaru”, 2022, de Carmézia Emiliano.
Fonte: Central Galeria 2024.

Secretaria de Educação

GDF

Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal
Hélvia Miridan Paranaguá Fraga

Secretário Executivo
Isaías Aparecido da Silva

Subsecretária de Educação Inclusiva e Integral (SUBIN)
Vera Lúcia Ribeiro de Barros

Diretora de Serviços de Apoio à Aprendizagem, Direitos Humanos e Diversidade (DSADHD)
Patrícia Souza Melo

Gerente de Educação em Direitos Humanos e Diversidade (GDHD)
Marcela Moraes

Elaboração
Rosinaldo Barbosa
Juscelino Sant'ana

Revisão
Patrícia Souza Melo

Ilustrações
Canva.com

Apoio
Equipe (GDHD)

Sumário

Apresentação 4

Sugestões de materiais pedagógicos para valorização da história e cultura indígena 6

Mercado Sul Vive: 9 anos de ocupação cultural e resistência à especulação imobiliária 8

Falas da Terra - Documentário sobre a cultura indígena no Brasil 3

Podcast 10

Cartilhas/ catálogos 12

Sugestões pedagógicas 13

Artistas indígenas 18

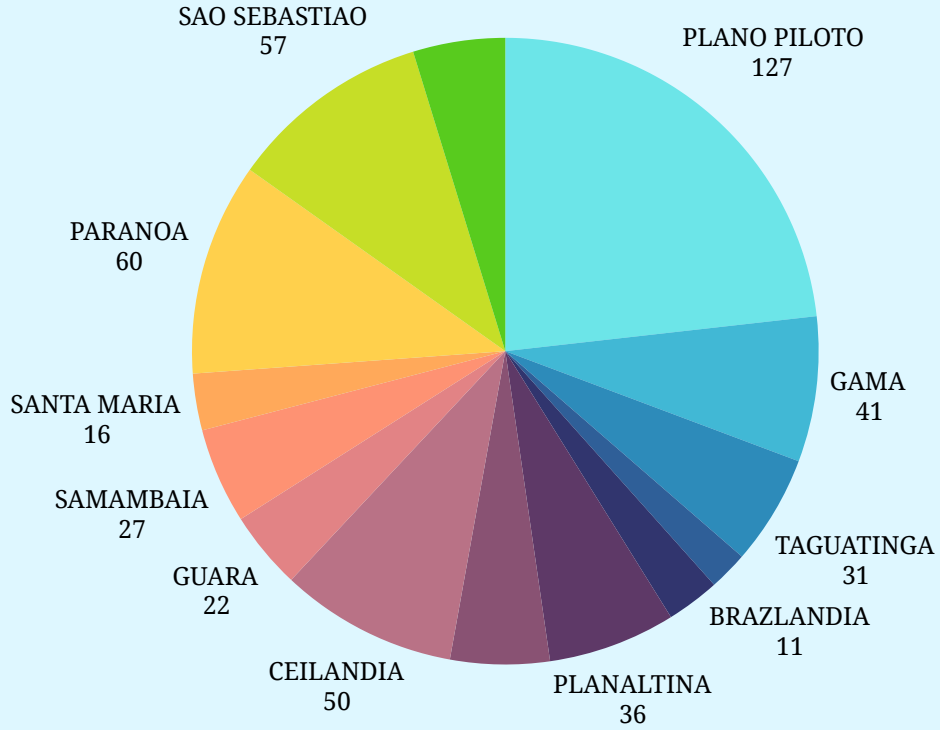
Atendimento Educacional aos Estudantes Migrantes Indígenas Warao 21

Apresentação

A política pública educacional indígena não se restringe ao reconhecimento das diferenças, mas à garantia da valorização de sua identidade étnico-cultural e dos direitos humanos de toda sua população, contribuindo para um tratamento específico e distinto de saberes construídos por esses povos, no decorrer da História do Brasil e do Distrito Federal.

O gráfico da figura 01 demonstra o quantitativo de estudantes indígenas matriculados na SEEDF em 2023. Nesse ano, percebe-se que as Coordenaçãoes Regionais de com maior número de estudantes que se declaram indígenas foram: Plano Piloto (127), Paranoá (60), São Sebastião (57), Ceilândia (50) e Gama (41). As demais Regionais de Ensino possuem em média 20 estudantes indígenas.

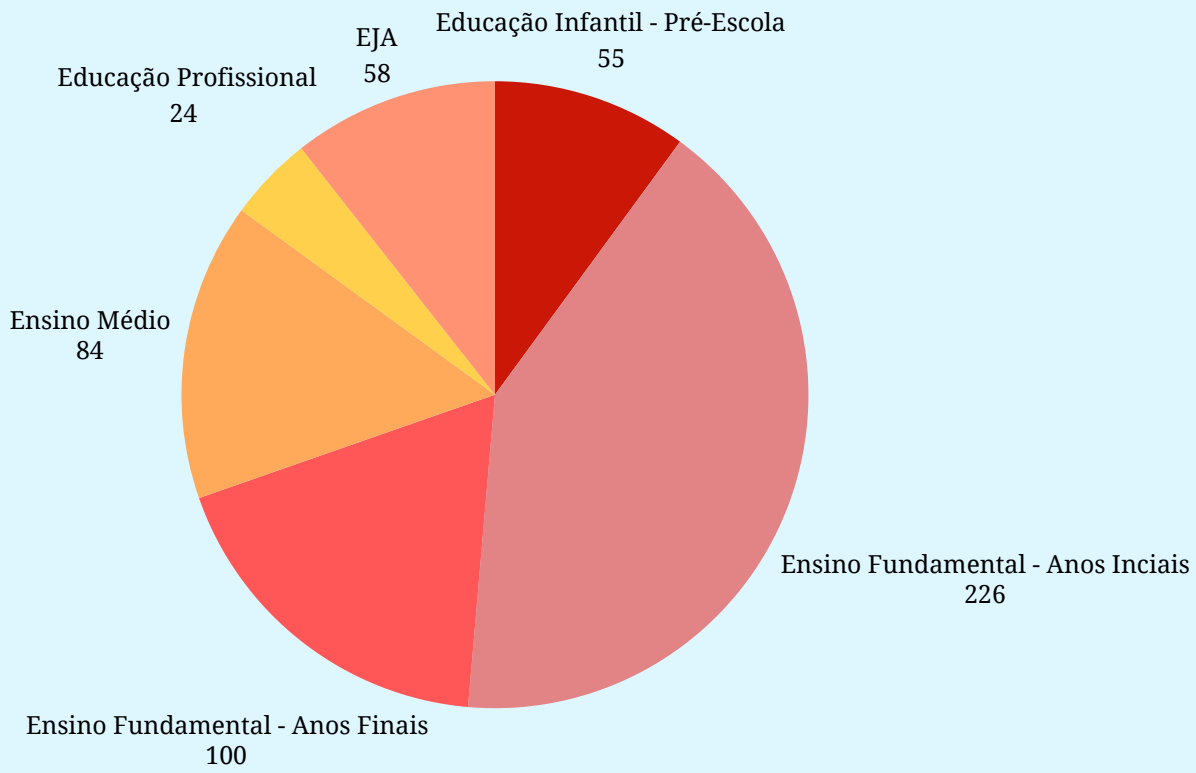
Figura 01. Quantitativo de estudantes indígenas matriculados na SEEDF por Regional de Ensino em 2023.



Fonte: SUPLAV/SEEDF, 2023. Elaborado pela GDHD/DSADHD.

A maior parte desses estudantes indígenas estão matriculados na Educação Infantil (55) e Anos Iniciais (226), conforme figura 02 (a seguir), o que demonstra um desafio para a Rede, sobretudo no quesito de garantia de acesso, permanência e êxito escolar ao considerar as necessidades socioculturais desses estudantes.

Figura 02. Proporção de estudantes indígenas por etapa/modalidade matriculados na SEEDF em 2023



Fonte: SUPLAV/SEEDF, 2023. Elaborado pela GDHD/DSADHD.

Para além dos dados obtidos e contabilizados, constata-se que tem aumentado o número de estudantes indígenas na Rede, tanto provenientes de outras unidades da Federação, quanto de outros países. A exemplo, destacam-se as Regionais de Ensino do Paranoá e São Sebastião, que atendem juntas quase uma centena de estudantes indígenas Warao, que são migrantes internacionais, oriundos da Venezuela, bem como a Regional de Samambaia e do Plano Piloto que têm recebido Povos Tradicionais da etnia Guajajara, que vieram do município de Barra do Corda – MA. Conheça mais sobre o trabalho pedaógico desenvolvido junto aos estudantes Warao, assistindo ao documentário disponível na página 18 deste Caderno.

É diante da realidade do Distrito Federal que este Caderno Pedagógico se coloca como um instrumento para promover a reflexão, o diálogo e o fortalecimento dos direitos dos estudantes indígenas e a valorização da história e da cultura dos povos originários na construção do País e do Distrito Federal. Nesse sentido, pretende-se com este material reforçar a importância da Rede em fortalecer as ações pedagógicas para favorecer a diversidade, contribuindo para a preservação, o fortalecimento, o respeito e ao protagonismo de todos os estudantes em especial daqueles que são indígenas na construção de uma escola plural.

Para isso, é preciso considerar os modos próprios dos povos originários de organização social, reconhecer os seus valores simbólicos, tradições, religiosidades, conhecimentos, processos de constituição de saberes e de transmissão cultural, com intuito de promover a afirmação de suas identidades étnicas, a recuperação de suas memórias e valorização de suas línguas maternas, observando as especificidades de seu grupo étnico. Sendo assim, deseja-se que este Caderno Pedagógico possa auxiliar a equipe pedagógica e toda a comunidade escolar na construção colaborativa de ações e projetos de temática indígena!

Sugestões de materiais pedagógicos para valorização da história e cultura indígena

Texto: Patrimônio-territorial indígena na Era Urbana Latino-Americana: O Santuário dos Pajés, Distrito Federal

O processo de ocupação da área inicia-se em fins da década de 50, por indígenas da etnia Funil-Ô, vindos do Nordeste em direção ao Planalto Central para atuar na construção de Brasília, sendo seguidos, paulatinamente, por indígenas de outras etnias, como os Tuxá, Kariri-Xocó e Guajajara.

No Santuário dos Pajés, a resistência indígena, construída no cotidiano de luta, é fundamental para a manutenção e perpetuação de seu patrimônio-territorial, que engloba tanto os aspectos materiais quanto imateriais que se exercem sobre o território ancestral, com o qual estabelecem relações que extrapolam a materialidade e a concretude da vida e onde exercitam seus saberes e fazeres milenares.

Saiba mais em:

<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/TD-78-Patrimonio-territorial-indigena-na-era-urbana-latino-americana-o-Santuario-dos-Pajes-Distrito-Federal-2021.pdf>.

Aldeia Indígena Ahain Aam, Paranoá Sul, Distrito Federal

MPI atua para a suspensão de remoção da aldeia indígena Ahain Aam no DF

O Ministério dos Povos Indígenas acompanhou e atuou na sexta-feira (23/02/2024) para suspender a operação de retirada de indígenas de uma área próxima ao Lago Paranoá. A reivindicação dos indígenas é para formar no local uma área multiétnica, com a convivência de mais de dez etnias, incluindo Pataxó, Warao, Tapuia, entre outras.

O grupo indígena reivindica o direito pela terra porque ocuparia o local desde a década de 70. Nos anos 80, foram retirados da área e retornaram ao local recentemente. Em setembro do ano passado, o grupo indígena registrou a reivindicação formal da área junto à FUNAI.

Saiba mais sobre a Aldeia Indígena Ahain Aam:
<https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/02/mpi-atua-para-a-suspensao-de-remocao-da-aldeia-indigena-ahain-aam-no-df>.

Ramona Jucá
Direito Retomar
Sons da Quebrada

Lançado no dia 05 de março de 2024, o videoclipe da música "Direito Retomar", que aborda sobre as desigualdades vivenciadas, pelos indígenas nas áreas periféricas do Distrito Federal.

A música "Direito Retomar" aborda sobre as desigualdades vivenciadas pelos sujeitos nas áreas periféricas da cidades. O videoclipe foi lançado no dia 05 de março de 2024 e tem como protagonista e compositora a indígena Ramona Jucá. Ela tem 24 anos, natural de Taguatinga/DF e Indígena do Povo Potiguara Ibirapi, das raízes de Ceará Mirim/RN. É moradora da **Ocupação Cultural Mercado Sul Vive/DF**. Técnica em áudio visual, maquiadora dançarina e compositora atua como ativista da tecnologia, arte & da cultura na perspectiva do cinema de Guerrilha trazendo em suas letras ancestralidade a luta pela terra e pela sobrevivência dos jovens nas periferias.

Conheça mais sobre a artista em:
<https://redeconhecimentosocial.medium.com/juma-hist%C3%B3ria-de-vida-bioma-cerrado-ramona-juc%C3%A1-taguatinga-df-e5157eff0a15>

Mercado Sul Vive: 9 anos de ocupação cultural e resistência à especulação imobiliária

Na década de 60, **Mercado Sul** era principal centro de abastecimento de Taguatinga / Arquivo/Mercado Sul Vive

Ramona Jucá, liderança jovem indígena da ocupação cultural Mercado Sul Vive / Diana Sofia (Brasil de Fato)

"O Mercado Sul é uma grande escola de artistas", definiu Ramona Jucá. A "audiovisionária" e maquiadora mora na ocupação desde os 15, quando chegou com a mãe em busca de moradia digna. Sônia, a matriarca da família, nasceu na comunidade Rio dos Índios, em Ceará Mirim (RN) e chegou ao DF ainda criança para trabalhar como doméstica em casa de família. "Somos pessoas indígenas em contexto urbano e de retomada, pertencemos ao povo Potiguara de Ibirapi".

Saiba mais sobre o Mercado Sul como um ***espaço também de resistência indígena:***

<https://www.brasildefatodf.com.br/2024/02/09/mercado-sul-vive-9-anos-de-ocupacao-cultural-e-resistencia-a-especulacao-imobiliaria>.

Vermelho Brasil

Classificação Indicativa: 14 anos.

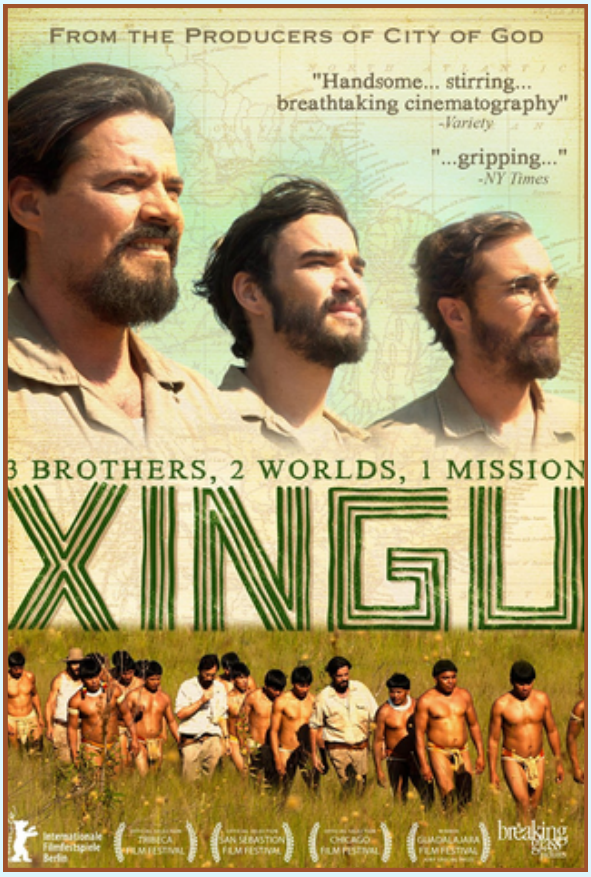
Baseado no livro homônimo do escritor francês Jean-Christophe Rufin, o filme Vermelho Brasil conta a história da expedição de Nicolas Durand de Villegaignon ao Brasil por volta dos anos 1550 e sua luta para criar uma colônia, a chamada França Antártica, no Brasil conquistado pelos portugueses. Como pano de fundo, as batalhas com Portugal, a história da fundação do Rio de Janeiro e a formação da identidade brasira no primeiro século da colonização.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6IAcEAV7hAM>

Falas da Terra - Documentário sobre a cultura indígena no Brasil

Classificação Indicativa: 12 anos

A pluralidade do povo indígena que deu origem ao Brasil e a sua luta pelo direito de existirem, serem ouvidos e terem sua história e cultura valorizados vão conduzir a narrativa de Falas da Terra. Com depoimentos em primeira pessoa, o programa mostra a riqueza cultural dos mais de 300 povos indígenas existentes no país, que falam aproximadamente 200 línguas diferentes.



Xingu

Classificação Indicativa: 12 anos

Diretor: Cao Hambuger

Os irmãos Orlando (Felipe Camargo), Cláudio (João Miguel) e Leonardo Villas Bôas (Caio Blat) resolvem trocar o conforto da vida na cidade grande pela aventura de viver nas matas. Para isso, resolvem se alistar no programa de expansão na região do Brasil central, incentivado pelo governo. Com enorme poder de persuasão e afinidade com os habitantes da floresta, os três se tornam referência nas relações com os povos indígenas, vivenciando incríveis experiências, entre elas a eterna conquista do Parque Nacional do Xingu.

Podcast

Copiô, Parente! Instituto Socioambiental

Com seis episódios, o podcast celebra a luta indígena no Brasil nos últimos seis anos e expande a leitura da coletânea de livros "Povos Indígenas no Brasil".

As entrevistas são conduzidas pelos apresentadores Gilmar Galache, do povo Terena, e Ester Cezar, jornalista do ISA, e abordam temas como protagonismo indígena, memória viva e coletiva, articulação com outros movimentos sociais, papel do Estado e a importância da preservação da cultura e cosmovisão indígena.

Com linguagem acessível e convidativa, "Copiô, Parente!" é uma oportunidade única para conhecer a luta indígena por dentro e mobilizar a sociedade para a defesa da causa indígena.

Acesso: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/serie-especial-do-podcast-copio-parente-destaca-protagonismo-da-luta>. Disponível também no Spotify>

Nós - Uma Antologia de Histórias Indígenas

"Nós", série em áudio, convida crianças e jovens a uma viagem sonora imersiva pela cultura indígena brasileira. Inspirado no livro de Maurício Negro, "Nós – Uma Antologia de Literatura Indígena", o podcast apresenta contos e narrativas de variadas nações indígenas, narradas por seus próprios membros.

De mitos de origem e aventuras épicas até histórias sobre a origem do fogo, do açaí e do peixe-boi, "Nós" revela a sabedoria, a diversidade e a beleza dos povos originários do Brasil. Através das histórias, o público também conhece músicas, instrumentos e costumes indígenas, promovendo o respeito e a valorização da cultura ancestral.

Com linguagem acessível e divertida, "Nós" é perfeito para crianças e jovens de todas as idades. Uma oportunidade única de aprender brincando e se conectar com a riqueza da cultura indígena brasileira. Apresentado por Daniel Munduruku, escritor, professor e CEO do Instituto UK'A, e por Renata Tupinambá, roteirista, poeta e atuante na difusão das culturas indígenas, "Nós" é dirigido por Carlos Merigo.

Acesso:<https://globoplay.globo.com/podcasts/nos-uma-antologia-de-historias-indigenas/1f517ec8-8b12-4e8c-b49a-a05e1138ab8a/>.

No podcast "Papo de Parente", disponível no Globoplay, a educadora indígena Célia Xakriabá e o estudante de gastronomia Tukumã Pataxó tecem um diálogo rico e informativo sobre a cultura indígena no Brasil. A cada episódio, Célia responde perguntas de ouvintes sobre a vida indígena na atualidade, desmistificando estereótipos e promovendo a compreensão e o respeito pela diversidade.

Além disso, o programa convida o público a se conectar com diferentes aspectos da cultura indígena, como agricultura, culinária, política, literatura, medicina e esportes tradicionais. Em um quadro especial chamado "Receitas da Terra", Tukumã apresenta deliciosas combinações de ingredientes utilizados na culinária dos povos originários, aguçando o paladar e despertando a curiosidade do público. "Papo de Parente" é um convite à imersão em um universo cultural vibrante e ancestral, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Acesso: <https://globoplay.globo.com/podcasts/papo-de-parente/325d6028-6db1-48a1-9853-cd87da6e0f23>

Amazônia Indígena

(Podcast jornalístico), Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab)

Amazônia Indígena é o podcast da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). No podcast é possível acompanhar a perspectiva indígena sobre as principais pautas da Amazônia. Notícias, análises e mobilizações em um só lugar. Uma produção da Rede de Jovens Comunicadores Indígenas da Coiab.

Acesso: <https://open.spotify.com/show/6Hn6KCferLW4BdOuPF6cVy>

Cartilhas/catálogos

Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!

Quando as mulheres indígenas falam de seus corpos-territórios, elas estão falando das heranças ancestrais e espirituais que carregam, além da sabedoria coletiva de seus povos. A cartilha traz a ancestralidade e a potência dos corpos-territórios das mulheres indígenas. Quer, não somente tematizar a presença e atuação de mulheres indígenas, mas, especialmente, ser a própria fala dessas mulheres a partir de seus biomas, para o enfrentamento ao racismo e valorização de suas próprias vidas. O material é escrito pela ANMIGA – *Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade*, um movimento ancestral, tradicional e social, criado e constituído por mulheres indígenas dos seis biomas brasileiros, desde o chão da aldeia até o chão do mundo.

Acesso: <ttps://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/g3d00126.pdf >

Nhe'ẽ Porã: memória e transformação

Catálogo, Museu da Língua Portuguesa

O catálogo propõe um mergulho na história, memória e realidade atual das línguas dos povos indígenas do Brasil, através de objetos etnográficos, arqueológicos, instalações audiovisuais e obras de arte. A mostra apresentou a diversidade linguística como expressão das culturas indígenas do país, mas também como importante instrumento de resistência dessas populações.

A décima terceira edição da série Povos Indígenas no Brasil, referente ao período de 2017 a 2022, traz uma visão geral sobre 266 povos indígenas que vivem no Brasil, falantes de cerca de 160 línguas. O volume atual compreende um dos mais conturbados da história indígena pós-redemocratização e destaca, na capa, a liderança Watatakalu Yawalapiti, do Território Indígena do Xingu (MT), lembrando o protagonismo das mulheres indígenas na defesa dos direitos indígenas ante os retrocessos. Inclui um caderno especial de 32 páginas com imagens de destaques.

Disponível em:
<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/a2l00010.pdf>

Sugestões Pedagógicas

A Tecelagem Huni Kuin e o Ensino de Química

A oficina "Tecelagem Huni Kuin e o Ensino de Química" propõe aproximar os conteúdos de química e conhecimentos tradicionais a partir do estudo da tecelagem Huni Kuin e pode ser adaptado de acordo com as especificidades de outros povos indígenas. O protocolo de prática experimental para aulas de química está disponível no link: <https://www.researchgate.net/publication/308046022_A_Tecelagem_Huni_Kuin_e_o_Ensino_de_Quimica>.

A Geometria presente na arte dos povos indígenas

A arte indígena está carregada de possibilidades para trabalhar a Geometria em sala de aula de modo transdisciplinar, principalmente no que se refere às formas, relações entre os elementos das figuras e simetria. Diversas estratégias podem ser realizadas com os estudantes e podem ser acessados no site: <https://novaescola.org.br/conteudo/21645/geometria-arte-povos-indigenas-matematica>, dentre elas, destaca-se o Jogo da Memória que reúne Grafismos de diversos povos indígenas.

O jogo está disponível para impressão no link:

https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/QaTAUdm9zPsQ8KuqzKP2EAwSHysFjjhPH9rk9TvpfB64dcWdhRXbS8vYHB57/jogo-da-memoria-geometria-arte-povos-indigenas-nova-escola230413-site-jogo-da-memoria-v3.pdf

Grafismos Mbyá

No vídeo Grafismo você vai encontrar uma amostra do que os símbolos Mbyá-Guarani representam. O que os não-indígenas denominam de artesanato indígena na realidade não é um simples artesanato. Não é uma expressão da "cultura popular". O artesanato Mbyá-guarani expressa uma visão de mundo, uma filosofia de vida. De certa forma é uma Arte Sagrada que agora, pela pressão econômica, uma parte dela torna-se "arte popular". O conjunto de três vídeos, um sobre cestaria, outro sobre o chocalho e o último sobre o significado do grafismo proporciona um olhar sobre o artesanato Mbyá-Guarani. É uma viagem a outro universo do conhecimento. Esse conjunto de vídeos busca divulgar a cultura Mbyá-Guarani e preservar a mesma. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=8QSiukuMnKs&t=248s>

Trançado em papel (Arte Indígena)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mi1YppAUTgg >.

Oficina - grafismo indígena com giz

Oficina de desenho de grafismo indígena organizado.
Os participantes desenharam com giz nos Pisos dos pátios externos e internos da Escola, podendo convidar estudantes e/ou pessoas indígenas da comunidade para participar da atividade.

Saiba mais em:
<https://www.youtube.com/watch?v=BfHNKE_FVdU>

Os Indígenas - Raízes do Brasil

No primeiro episódio de Raízes do Brasil, apresenta-se a história e os costumes dos primeiros habitantes do nosso país: os povos indígenas.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s&t=21s>

Sugestões

1- Pesquisar com os estudantes acerca da quantidade e as diferentes etnias que existem no Brasil e promover com isso estudos sobre as características populacionais dos povos indígenas e suas transformações ao longo do tempo. Esses sites podem trazer as informações e ainda incentivar a pesquisa:

- Instituto Socioambiental: Instituto Socioambiental - (Acervo)
- Povos Indígenas no Brasil: https://mirim.org/
- Portal Índio Educa: http://www.indioeduca.org/

2- Utilizar mapas para identificar a localização das aldeias indígenas brasileiras:

- Instituto Socioambiental - (Acervo)

3- Pesquisar sobre a população indígena de Brasília e Entorno:

- População Indígena na área urbana de Brasília
- MAPA DE CONFLITOS - FIOCRUZ

4- Pesquisar/conhecer obras artísticas dos povos originários:

- Arte Indígena: https://www.culturagenial.com/arte-indigena/
- Arte Indígena Brasileira: https://www.todamateria.com.br/arte-indigena-brasileira/
- Jaloo, menino índio.: https://www.youtube.com/watch?v=dGXoPfph7f0
- Bienal, "faz escuro mas eu canto" - Sugestão de artistas Indígenas
- Confira as ações da Funai de enfrentamento à crise no território Yanomani

5- Sonoridade pela confecção de instrumentos musicais utilizados nas diferentes manifestações indígenas com uso de diversos materiais, inclusive recicláveis.

- Instrumentos musicais indígenas: http://culturasindigenasdobrasil.blogspot.com/2013/04/instrumentos-musicais-indigenas.html-
- Instrumentos musicais indígenas: https://fansaranduarakuaa.wordpress.com/category/instrumentos-indigenas/
- Rádio Yande

6- Contação de histórias usando lendas indígenas e mitos que auxiliam no conhecimento da diversidade.

- Lendas Indígenas
- Lendas indígenas para ler para as crianças

7- Conheça alguns artistas indígenas:

- Artista Jaider Esbell: http://www.jaideresbell.com.br/site/sobre-o-artista/

8- Para o Ensino Médio, etapa na qual as atividades podem ser pensadas com maior nível de complexidade, sugerimos o debate sobre as questões sociais enfrentadas pelos povos originários, abordando a temática por meio de redações, seminários, portfólios.

9- Debater com os estudantes as questões sociais que envolvem os povos originários:

- Esse lugar também é meu!: https://www.youtube.com/watch?v=GFBUG-jdSWI&t=7s
- Falas da terra - Documentário completo: https://www.youtube.com/watch?v=BdDpp6USz5Y

Artistas Indígenas

Auá Mendes

Nascida em Manaus, Amazonas, a artista transvestigênere Auá Mendes é designer gráfica, ilustradora, grafiteira, performer, maquiadora artística e fotógrafa experimental. Conhecida por utilizar suas obras como ferramenta de fala e política, seu trabalho já foi exposto no Palacete Provincial e Galeria do Largo, em Manaus, além do Centro Cultural de São Paulo.

Veja outras produções da artista em: <https://www.behance.net/auamendes?locale=pt_BR>.

Carmézia Emiliano

Pescaria, 2022. Oleo sobre tela.

Indígena da etnia Macuxi, Carmézia Emiliano é considerada uma expoente da Arte Naïf. A artista utiliza a arte como uma forma de manter o vínculo com as tradições de seu povo, retratando a cosmovisão macuxi, seus costumes, festas, mitos e paisagens. Com uma paleta vibrante e uma profusão de elementos que se repetem e se espelham, suas obras ressaltam a dimensão do coletivo e a intricada relação da comunidade com a natureza.

Pescaria, 2022. Óleo sobre tela.

Outras obras da Carmézia Emiliano estão disponíveis no link: <https://www.centralgaleria.com/artistas/carmezia-emiliano>.

Natureza morta 1, 2016

Denilson Baniwa

Natureza morta 1, 2016 — Foto: Divulgação

Vencedor do prêmio PIPA Online 2019, Denilson Baniwa nasceu em terras da etnia Baniwa, localizadas na região do Rio Negro, no Amazonas. O artista apresenta diversas técnicas, com trabalhos nas áreas da gravura, pintura, desenho, performance, entre outras. Atualmente, Denilson vive e trabalha em Niterói, no Rio de Janeiro. Denilson Baniwa narra um modo específico de ocupar o lugar hegemônico da arte. Propõe ocupar como partilhar lugar, sem anular as diferenças, mas, pelo contrário, manifestando-as como um convite à relação transformadora.

Diversas de suas obras estão disponíveis em: <https://www.agentilcarioca.com.br/artists/111-denilson-baniwa/>

Jaider Esbell

Pata Ewa'n – O coração do mundo, 2016 — Foto: Divulgação

Nascido na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, Jaider Esbell é artista visual, escritor e produtor cultural. Seus trabalhos mais conhecidos são aqueles que utilizam a técnica de acrílica sobre tela. Através de suas obras, este artista da etnia Makuxi levanta discussões sobre cosmologias, narrativas míticas originárias, espiritualidade, críticas à cultura hegemônica. Reverbera em sua arte a força da floresta, dos seres, com influências ancestrais na vida contemporânea.

Veja as obras do artista no link: <https://www.premiopipa.com/pag/jaider-esbell/>.

Katú Mirim

Uma das principais artistas indígenas brasileiras, Katú Mirim – etnia Bororo, é uma cantora, compositora, atriz e defensora ativa das questões indígenas e lésbica. A música de Katú Mirim vai do rap ao trap, abordando questões como a demarcação de terras, a importância da ancestralidade e a vida das comunidades indígenas. Em suas músicas a artista tematiza a pobreza e a destruição causada pela exploração dos recursos minerais em terras indígenas, entre outros temas relativos à luta dos povos originários.

Vozes da Floresta
Autor: Celso Sisto
Editora: Cortez

Este livro reúne quatro lendas dos povos indígenas: “O corpo de Mani”, “O nascimento da noite”, Lua Branca em céu de prata” e “Alagadiélali”. Eles apresentam histórias tradicionais como a lenda da mandioca, a lenda do surgimento da noite, a lenda que explica o aparecimento da lua e a lenda que explica por que os animais têm mais ou manos carne. São textos belíssimos, de fazer emocionar.

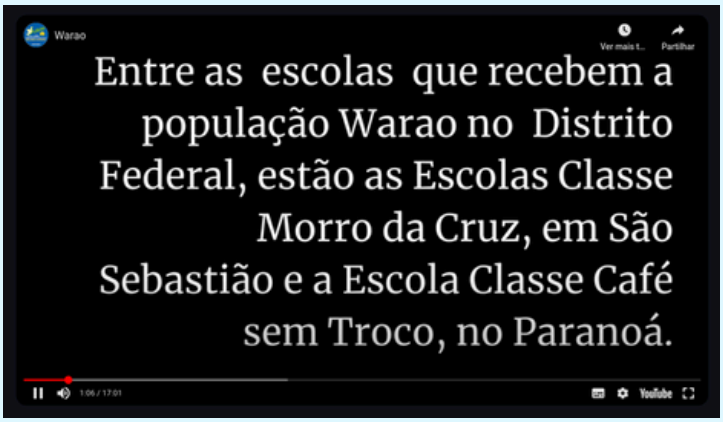
Aldeias, palavras e mundos indígenas
Autora: Valera Macedo
Editora: Cia da Letrinhas

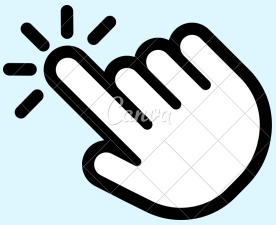
Yano, Ëjcre, Üne, Oo – por incrível que pareça, essas quatro palavras significam a mesma coisa. Representam, na língua de quatro povos indígenas diferentes (os Yanomi, os Krahô, os Kuikuro e os Guarani e os Guarani Mbya), o vocábulo casa. Através delas e de muitas outras palavras, neste livro o leitor é convidado a conhecer um pouco da vida e dos costumes desses grupos: onde moram, como se enfeitam, suas festas, suas línguas, entendendo a diversidade dos povos originários que estão na nossa formação.

Atendimento Educacional aos Estudantes Migrantes Indígenas Warao

Em 2023 as unidades escolares EC Morro da Cruz (São Sebastião) e EC Café sem Troco (Paranoá) acolheram os estudantes indígenas migrantes venezuelanos, da etnia Warao, e desde então têm enfrentado o desafio de construir uma educação culturalmente sensível e respeitosa, enfrentando e superando as barreiras de comunicação decorrentes da diferença de idioma, uma vez que os estudantes são falantes de espanhol e Warao. Atualmente, cada uma das Ues atende aproximadamente 50 estudantes Warao.

Assista ao documentário e conheça um pouco mais do trabalho desenvolvido por essas unidades escolares.





https://www.google.com/search?sca_esv=b5b0e98525aa10be&udm=7&sxsrf=ADLYWIJYq19DdzaHN62iQogVyB3sMhaqgg:1736258241676&q=document%C3%A1rio+warao+df&spell=1&sa=X&ved=2ahUKEwiU5O794eOKAxVLA7kGHdM5BAkQBSgAegQIBxAB&biw=1600&bih=733&dpr=1#fpstate=ive&vld=cid:87496119,vid:mF93Wj1efFc,st:0

Secretaria
de Educação

GDF